

Mitos Kamaiurá

Carmen Junqueira
Puc/SP

Qual a origem do mito? Sem dúvida ele é uma criação social, nascida da experiência compartilhada e certamente foi relatado pela primeira vez por alguém, talvez por um poeta, que captou as inquietações do grupo e assim compôs uma narrativa atraente para ser contada e recontada, explicando origens, expressando valores e preceitos importantes para a condução da vida em comunidade. Mas não é fácil captar o significado dos mitos de povos com tradição cultural distante da nossa e mais árdua ainda é a tentativa de saber o que o mito diz, relembra ou reafirma para a própria comunidade. Com enredos intrincados, muitos terminam de modo surpreendente, com soluções inesperadas. Esse parece ser o caso da narrativa que relata a difícil relação entre os dois irmãos, Kanarawary e Kanaraty, registrada por muitos estudiosos do povo kamaiurá¹. É um mito longo e as diversas versões embora bastante semelhantes divergem principalmente na quantidade das artimanhas armadas por um dos irmãos. A ação transcorre no tempo primordial em que humanos compartilhavam a existência com divindades, espíritos e entidades poderosas, muitos deles aparentados. Mas a convivência nem sempre era pacífica, principalmente porque determinados bens culturais achavam-se nas mãos de donos fantásticos, que não se dispunham a cedê-los. O local onde tudo isso ocorreu é a região dos formadores do rio Xingu conhecida como Morená, berço da criação dos povos alto-xinguanos.

Com isso em mente, a intenção do presente texto é relatar o mito de Kanaraty e Kanarawary, numa versão resumida, e buscar identificar o foco que orienta a intenção do narrador, o evento central em torno do qual os atores se movimentam em diferentes cenários. A tentativa da aproximação será feita com o auxílio de trechos de dois outros mitos.

¹ Villas Boas, Orlando e Cláudio – Xingu. Os índios, seus mitos, Rio de Janeiro:Zahar Ed., 1970, pp.176-187. Agostinho, Pedro – Mitos e outras narrativas kamaiurá, Bahia: Núcleo de Publicações do Centro Editoria e Didático da UFBA, 1974, pp.82-97. Agostinho, Pedro – Kwarip. Mito e Ritual no Alto Xingu, São Paulo: EPU, e EDUSP, 1974, pp.192-199. Samain, Etienne – De um caminho para outro. Mitos e aspectos da realidade social nos índios Kamayurá (Alto Xingu). Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1980, volume II, pp.18-48. Em minhas pesquisas de campo registrei três versões desse mesmo mito.

A história de Kanaraty e Kanarawary

Kanaraty andava no mato com um amigo quando viu uma flor (mointse'e), cuja raiz é doce. Colheu-a, exclamou: “essa flor é igualzinha à tamã (vagina) da esposa do meu irmão Kanarawary”. Riram, sem saber que Kanarawary estava por perto, ouvindo o comentário.

Decidido a se vingar do irmão caçula, no dia seguinte, Kanarawary pediu a ele que fosse buscar jenipapo para fazerem pintura corporal. Já em sua casa, Kanaraty contou ao seu avô Mavutsinin (criador dos povos alto xinguanos) a tarefa imposta pelo irmão. Mavutsinin começou a chorar: “cuidado meu neto, você pode morrer”. Aconselho-o então a ir acompanhado da aranha, do gambá e do serelepe, todos também avós do rapaz. Na beira do lago, eles pediram ao rapaz que esperasse na margem. A aranha levou a teia até a árvore de jenipapo e o serelepe e o gambá tiraram os frutos. Antes de partir, resolveram brincar com o dono do jenipapo, jogando um fruto dentro do lago. A água começou a subir e mais do que depressa a aranha se escondeu dentro de uma folha e os outros dois subiram na ponta do último galho. Como o rabo do gambá ficou para fora, os peixinhos comeram todo seu pelo. Ainda rindo, finalmente voltaram à beira, entregando os frutos a Kanaraty, que lhes ofereceu alguns. A aranha pintou listas na barriga e o gambá colocou um pouco da tinta acima dos olhos.

Já em casa, Kanaraty presenteou Mavutsinin com os melhores frutos. No dia seguinte, bem cedo, ele foi se banhar, assobiando pelo caminho. A mulher de Kanarawary escutou e convidou a outra esposa: “vamos tomar banho com ele?” Kanarawary zombou: “a essa altura ele já deve estar na barriga do bicho”. Assim que amanheceu, Kanaraty entregou os frutos ao irmão que não tardou em lhe pedir que carregasse para a aldeia um tronco que estava no mato.

Mavutsinin perguntou ao neto: “desta vez, o que seu irmão pediu?” “Ele me mandou pegar o tronco”. O avô se lamentou e aconselhou-o a levar seus avós morcego, ventania e cupim. No mato, viram que o tronco era grande e pesado: a ventania começou a rezar e soprar, o cupim comeu o interior da madeira e juntos ajudaram o rapaz a carregar o pau até a aldeia.

Novamente, Kanarawary dá ao irmão outra tarefa: pedir o machado ao trovão. Mavutsinin, apreensivo aconselhou: “leve seus avós gafanhoto, jawari'a (assobio da flecha com ponta de coquinho) e pica-pau”. Foram para a casa do trovão, que estava na roça. Sua esposa mandou que entrassem e quando percebeu que o trovão estava chegando mandou que os visitantes se escondessem. Disse então ao marido: “seu neto está aqui, e acrescentou, a

gente escuta quando irmão mais velho briga com ele”. O trovão perguntou a Kanaraty o que queria. “Quero que você me dê o machado, para racharmos lenha” e prosseguiu: “avô, seu primo só fala de você; quando ele escuta você trovejar, diz que você está rachando lenha para a sua namorada”. A esposa, irada, começou a fazer cócegas no trovão que, de tanto rir, chegou a perder o fôlego. Kanaraty repetiu: “quando seu primo ouve o barulho, diz que você está rachando lenha para sua namorada”. A esposa, com raiva, fez mais cócegas, até que o trovão desmaiou. Grata pela informação, ele mandou que Kanaraty pegasse o machado. Ao acordar, o trovão foi tentar reaver o machado, mas os avós-companheiros fizeram barulho em lugares diferentes, deixando-o desorientado e cansado demais para prosseguir.

Mavutsinin ficou contente com a chegada do neto que, no dia seguinte, foi assobiando em direção à lagoa para se banhar. A mulher de Kanarawary exclamou: “ele voltou!”, enquanto o marido retrucava: “a essa hora, o trovão já o matou!”. Mais tarde, Kanaraty entregou o machado ao irmão, que lhe pediu que fosse buscar o chocalho da cascavel. Ao saber disso, Mavutsinin, muito apreensivo, aconselhou-o a convidar seus avós, a pimenta e a cigarra, para acompanhá-lo. A mulher da cascavel estava nos fundos da casa com o filho e logo atendeu ao pedido de Kanaraty, dando-lhe seu chocalho. Em seguida, ela entrou na casa para colocar outro chocalho, dizendo ao marido que o antigo havia quebrado. Fez isso algumas vezes até que o marido desconfiou e veio para os fundos da casa disposto a matar o intruso pídao. Kanaraty mastigou pimenta e logo os olhos do marido começaram a arder. Mesmo assim ele correu na direção do rapaz para matá-lo, mas a cigarra começou a cantar muito alto e ele, desorientado, correu de um lado para outro, sem sucesso. De volta à sua casa, Kanaraty deu os chocalhos novos para o avô Mavutsinin e os velhos para seu irmão.

Mais uma vez, Kanarawary mandou o irmão para uma empreitada perigosa: pegar o fumo do bem-te-vi. Ao ser informado, Mavutsinin voltou a chorar temendo pela sorte do neto querido. Mandou então que ele fosse junto com seus avós beija-flor, mariposa e cigarra grande. Chegando lá, eles pediram a Kanaraty que esperasse sentado e partiram para pegar o fumo.

Kanarawary tentou ainda muitas vezes matar o irmão: mandou-o pegar filhote de arara que estava num buraco da árvore. Aconselhado por Mavutsinin, Kanaraty levou seu avô, o talo do buriti. A cobra que estava no buraco mordeu o buriti, e ele pode agarrá-la pelo pescoço e levá-la ao irmão: “aí está seu filhote de arara”. Dias depois ele pediu a Kanaraty para ir buscar flechas que pertenciam ao fogo, façanha que ele realizou com a ajuda de avós passarinhos e da ariranha. Em seguida, mandou que pegasse colar de caramujo do povo

canibal, sendo protegido pelos avós a lama, o toco de árvore e a câimbra. A cada nova tarefa, um novo ardil era superado por Kanaraty, com a ajuda de Mavutsinin.

Kanarawary decidiu mudar de tática e agir pessoalmente. Com os dentes de cobra venenosa, em lugar de dentes do peixe-cachorra, fez um escarificador e chamou o irmão para arranhá-lo. Kanaraty, com o corpo coberto de palha fina, a conselho do avô, deixou que o irmão riscasse seus braços e pernas. Voltou então para casa, retirou a casca para que Mavutsinin fizesse a escarificação com o *jajap* verdadeiro e em seguida foi se banhar. No dia seguinte, Kanarawary espantou-se ao ver o irmão, ainda com a marca das feridas, saudável e alegre.

Passados alguns dias, Kanarawary pediu que o irmão o ajudasse de pegar filhote de gavião. Mavutsinin chorou pelo neto e recomendou que ele procurasse seu avô rato e pedisse vários ratos mortos para levar consigo. Os dois irmãos seguiram pela mata até uma árvore muito alta, onde Kanarawary disse ter visto o ninho de gavião. Ali montaram uma escada junto ao tronco para que Kanaraty pudesse alcançar o topo. Já no alto da árvore, Kanaraty viu quando o irmão desmontou a escada, feliz com o sucesso do plano. O pobre rapaz permaneceu naquelas alturas sem qualquer possibilidade de se salvar, até que dias depois por lá passou sua avó urubu, atraída pelo mau cheiro dos ratos mortos. “Vovó, você pode me tirar daqui?” pediu Kanaraty. “Vou buscar seu avô, que é mais forte. Juntos conseguiremos!” Em pouco tempo o casal voltou, levando Kanaraty, não para a terra, mas a aldeia dos pássaros céu acima. Kanaraty ficou recluso a fim de recuperar peso e saúde. O chefe da aldeia, o gavião, não viu com bons olhos a presença do intruso, sempre pronto a subtrair as cobiçadas penas do rabo de seus filhos. Quando a situação tornou-se intolerável e mesmo perigosa, os avós urubus trataram de levar Kanaraty para junto de Mavutsinin, pedindo-lhe que não se esquecesse de sempre deixar restos de comida para eles, em sinal de gratidão.

Na última tentativa de matar o irmão, Kanarawary fez com pedaços de pau e muita palha um bicho de grandes proporções dotado de chifres pontiagudos. Escondeu-o dentro da mata e, em seguida, convidou Kanaraty para participar de uma caçada. Mavutsinin alertou o neto sobre a cilada e disse-lhe que havendo perigo ele deveria se proteger atrás de uma árvore bem grossa. Os caçadores prepararam suas flechas e partiram, Kanarawary tomou a dianteira alegando procurar o rastro do animal que vira há poucas horas. Perto do bicho de palha ele rezou, transformando-o num bicho de verdade que disparou na direção de Kanaraty. Este, protegido pelo tronco da árvore, esperou o bicho se aproximar e ordenou-lhe: “seu dono está lá”. O bicho correu até Kanarawary, enterrou os chifres no seu peito, partindo em seguida para a aldeia, onde todos puderam testemunhar o seu triste fim.

Kanaraty casou-se com as duas viúvas do irmão.

*

É fácil identificar nas aventuras vividas por Kanaraty e Kanarawary alguns blocos narrativos que se repetem com regularidade: 1) o desejo de vingança do irmão mais velho é insaciável e a cada nova tarefa proposta feita ao caçula torna-se nítido seu propósito insidioso. 2) Mavutsinin de início se compadece da triste sina de Kanaraty, para em seguida indicar as precauções a tomar e os parentes apropriados a ajudá-lo. 3) a esposa de Kanarawary nota o regresso de Kanaraty, enquanto seu marido sempre duvida da veracidade do fato. Tais repetições são pontos de apoio importantes que ajudam a dar seqüência ao longo relato, e ao mesmo tempo permitem ao narrador não se perder em meio a detalhes do ambiente, das ameaças de seres fantásticos e da habilidade dos avós convocados para auxiliar nas tarefas humanamente impossíveis de serem realizadas. Numa sociedade como a kamaiurá, que depende da memória para a conservação dos mitos, elas são marcadores práticos e eficazes, mesmo porque os mais velhos são os únicos que têm legitimidade para contar um mito, embora apenas alguns poucos se destaquem como bons narradores. A arte de narrar envolve, além de memória, a capacidade de estimular no ouvinte a criação de imagens através da palavra certa, bem colocada, de imprimir ritmo adequado às diversas situações, de imitar os diferentes sons do caminhar do sol na esfera celeste, das águas revoltas do lago, do zunir da flecha, do arder do fogo, do bater das asas dos pássaros, enfim, das manifestações de alegria, tristeza e medo. Significa convocar o imaginário do ouvinte a colorir episódios, desenhar figuras, preencher pausas e ouvir o silêncio que o bom narrador intercala durante a fala.

Se são poucos os cenários que sustentam as ações dos irmãos (a aldeia, as águas, a mata, as alturas), os personagens são muitos e formam conjuntos bem definidos: bons e maus. A vida em comunidade, os conflitos, a experiência do trabalho e vários acontecimentos correntes no mundo real servem de modelo para esculpir o universo imaginário, habitado por seres de igual humanidade e também sujeitos a turbulências sociais.

Além das aventuras vividas por Kanaraty, o texto registra a origem de características de alguns personagens, como a aparência física da aranha e do gambá adquiridas no decorrer das façanhas, além do temperamento inflamado do trovão, do gavião, chefe da aldeia dos pássaros, do marido cascavel, do misterioso dono do jenipapo e de outros que constam da versão integral do mito. A reciprocidade, presente nas relações tecidas tanto dentro da aldeia, como com povos amigos, é também destacada. Kanaraty tem sempre em mente que favores

devem ser retribuídos e não deixa de presentear Mavutsinin e os demais avós que o ajudaram a se safar das ciladas. Um outro aspecto que merece destaque é o modo arguto como são tratadas as relações de parentesco. Há indícios de que Mavutsinin seja avô apenas de Kanaraty, e não de Kanarawary, fato que o levaria a protegê-lo. Mas a consangüinidade nem sempre garante relações amistosas, fato atestado pelo conflito entre os dois irmãos. Por outro lado, os avós classificatórios são quase todos aliados de Kanaraty e Mavutsinin, exceto o trovão que talvez seja um parente colateral: “avô, seu primo (seguramente Mavutsinin) só fala de você; quando ele escuta você trovejar, diz que você está rachando lenha para a sua namorada”. Talvez seja possível concluir que a extensa rede de parentesco, que une uns e outros a compromissos, não garante por si só a permanência de relações amistosas. Na vida concreta interesses conflitantes podem se sobrepor a lealdades firmadas pelo modelo tradicional.

Mais algumas aproximações serão ainda necessárias para alcançar o argumento nuclear do mito, a idéia matriz que motivou a sua construção. Duas outras narrativas poderão ajudar e serão apresentados num único texto que sintetiza o tema central de cada uma². Como no mito de Kanaraty e Kanarawary, a história transcorre num passado remoto, quando divindades, seres fantásticos e humanos viviam num mesmo espaço.

Breve história do amor

Mavutsinin e seus dois netos, Kwat (Sol) e Iay (Lua), viviam em Morená, nas proximidades da aldeia dos antigos Kamaiurá. Nada parecia perturbar a harmonia desses primeiros tempos. Até que um dia as mulheres observando dois animais copulando viram que o pênis do macho ficava erecto, rijo, ao contrário do dos homens, flácido e caído. De fato, elas não estavam plenamente satisfeitas com o resultado de seus encontros amorosos, nos quais os homens usavam o dedo como expediente para lhes dar prazer. Resolveram desafiar os homens: “tratem de encontrar algum remédio!” Kwat e Iay, que sofriam do mesmo mal,

² Os dois mitos aparecem em várias publicações, com diferentes títulos: Agostinho, Pedro – “Kwat começa as relações sexuais” em Agostinho, Pedro – Mitos e outras narrativas kamaiurá, Universidade Federal da Bahia, Coleção Ciência e Homem, 1974, pp.65. Etienne Samain reúne três versões da narrativa sobre o ciúme: “História da origem dos pajés”, Samain, Etienne – De um caminho para outro. Mitos e aspectos da realidade social nos índios Kamayurá (Alto Xingu), Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, vol II, 1980, pp. 236-248. Sobre esse mesmo mito ver ainda: Junqueira, Carmen – “O mundo invisível”, em Margem/Faculdade de Ciências Sociais da PUCSP/Fapesp, n. 10 (dez. 1999, São Paulo:EDUC, pp. 129-138. Junqueira, Carmen – “Vida em comum”, em Sexo e Desigualdade entre os Kamaiurá e os Cinta Larga, São Paulo: Olho d’Água, 2002, pp.48-50. Junqueira, Carmen – “Pajés e Feiticeiros” em Baruzzi, Roberto G. e Junqueira, Carmen (orgs), São Paulo: Terra Virgem Editora, 2005, pp.147-161.

saíram à procura de ajuda e souberam que o lagarto era o dono de um remédio eficaz. Alcançaram sua casa e estranharam sentir o pênis rijo, como nunca antes havia sucedido. Foram gentilmente recebidos pela esposa: “Entrem e aguardem um pouco, pois meu marido está na roça, mas não deve tardar”. Pouco depois chegou o lagarto e indagou o que os netos desejavam. “Queremos o remédio que deixa o pênis duro”. “Ora – replicou o lagarto – vocês não mais precisam disso. Veja como estão com ele duro, desde que entraram no meu território”. Mas Kwat e Iay, temendo um efeito apenas passageiro, pediram ao avô que enchesse um cestinho para levarem. De volta a Morená, cada qual correu para sua esposa e foram longas as horas de amor. Mas o tempo passava e nada do pênis relaxar. As mulheres se cansaram e os dois, já doentes de tanta atividade, entraram em desespero. Voltaram ao lagarto pedindo ajuda: “Isso não está bom! Não agüentamos mais...” O lagarto, depois de repreendê-los pela imprudência, retirou o excesso que tinham no corpo e vaticinou: “Agora vai ser assim, o pênis só ficará erecto quando tiverem vontade de namorar”. Os dois agradeceram e seguiram para a aldeia onde deram aos homens uma pequena porção do remédio, tornando mais feliz a vida dos casais. Entretanto, a grande novidade acabou por gerar um problema: os homens, agora donos de grande vigor, passaram a ter relações sexuais com todas as mulheres, livremente. E novamente as mulheres reclamaram: “Mas vocês não têm ciúme?” Espantados os homens se entreolharam sem entender o que elas queriam. “Ciúme? O que será ciúme?”

Kwat e Iay foram novamente convocados a descobrir o ciúme. Depois de muita indagação, souberam que um passarinho era seu dono. Rumaram para lá, foram recebidos pela esposa e aguardaram o retorno do passarinho que estava na roça. “O que vocês querem, meus netos”, indagou o passarinho. “Queremos o ciúme”, responderam. “Mas vocês, desde que entraram nos meus domínios, já o adquiriram”, ponderou o avô. “Queremos mais” retrucou Kwat. Ganharam mais uma porção e pelo caminho de Morená já foram se estapeando de tanto ciúme. Kwat ficou gravemente enfermo e agonizava na rede, à beira da morte. Foi quanto Mavutsinin, visivelmente preocupado, aconselhou Iay a chamar os pássaros-pajés. Chegou o bem-te-vi e retirou um pouco da doença de seu peito. Um a um, os passarinhos aliviavam a dor do ciúme. O último deles, depois de alguma hesitação, resolveu deixar um pouco de ciúme no enfermo. Para temperar o amor, dizem. Kwat ficou curado e Mavutsinin profetizou: “Ciúme demais é doença e de agora em diante todos terão dele apenas um pouco”. Até hoje, homens e mulheres carregam dentro do peito algum ciúme, doença leve, embora penosa, mas que não causa grandes males.

*

O último mito parece ser a chave para desvendar o trágico fim de Kanarawary, o marido traído. Magoado com o comportamento do irmão caçula, ele se deixa tomar por um ciúme desmesurado, talvez o mesmo que vitimou Kwat. Totalmente desnorteado, e com o firme propósito de matar o próprio irmão, ele acaba por se revelar arrogante e desafia o poder e a sabedoria de Mavutsinin, e de outras divindades. Não que ele quisesse imitá-los, dado que os heróis mitológicos mostram-se cautelosos e precavidos nas façanhas que realizam. O próprio Mavutsinin, numa de suas muitas aventuras, percorria a mata em busca de material para fazer corda para um arco quando, inadvertidamente, entrou nas terras do primo onça, chefe da aldeia. Foi cercado pelos guerreiros, prontos a matá-lo e, para se salvar, ofereceu ao primo suas duas filhas em casamento. As filhas se negaram a honrar o compromisso e a ele nada mais restou do que fazer mulheres de madeira, transformadas em “verdadeiras” por força de seus poderes. Mas as moças eram tolas e acabaram sendo rejeitadas pelo primo. Em outra ocasião, tirando madeira no mesmo território, foi novamente surpreendido pelo pessoal da onça e só escapou ao jurar que desta vez ordenaria às filhas o casamento. Da união, nasceram Kwat e Iay, protagonistas de importantes aquisições culturais. Nesta, e em outras ocasiões, Mavutsinin mostrou ser a conciliação um bom caminho para resolver conflitos e muitos dos heróis presentes no imaginário kamaiurá repetem a mesma conduta apaziguadora, sempre que estratégias preliminares não alcançam sucesso. Pode-se dizer que todos eles são criativos, espertos, talvez injustos, mas não arrogantes. Kanarawary quebrou essa tradição ao ser acometido por um ciúme mórbido, cuja exacerbação lhe custou a vida.

Uma característica da cultura kamaiurá, que ajuda a decifrar o mito, é a existência de uma conduta sexual bastante liberal, com exceção, é claro, dos pares classificados como consangüíneos como pais e filhos, irmãos e primos paralelos. Fora dessa esfera não há praticamente repressão ao sexo, muito embora seja valorizado, de modo difuso, um padrão ideal de fidelidade conjugal. As aventuras fora do casamento são em geral bem toleradas, desde que conduzidas de modo discreto. Apesar de tal liberalidade, ocorrem eventuais atritos entre casais que, no limite, são superados de modo francamente desfavorável à mulher: quando surpreendida, ela pode vir ser agredida pelo marido, enquanto o homem apanhado na mesma situação nada sofre fisicamente, enquanto sua namorada é atacada pela esposa ofendida. Agressões violentas são raras e o código do bom comportamento é claro: um pouco de ciúme pode permear a relação dos casais, mas muito ciúme é doença, torna a pessoa má.³

³ Cf. Junqueira, Carmen – Os índios de Ipavu, 3ª. ed. São Paulo: Ática, 1979, em especial o capítulo III “A visão do mundo Kamaiurá”, pp. 87 – 104.

É provável que o mito de Kanaraty e Kanarawary tenha sido criado como uma alegoria em torno do perigo da dissociação social causada pelo ciúme. Mas seria incorreto reduzi-lo a uma simples mensagem de acusação a excessos, pois seu alcance parece bem mais amplo. Percebe-se que a cada nova aventura vivida pelos irmãos, a trama conduz e estimula os ouvintes a uma reflexão sobre as dificuldades que pontuam a trajetória humana. Ao final, com a trágica morte de Kanarawary, a narrativa alcança sua dimensão maior, agora como nutriz do sentido comunitário da existência kamaiurá.

Apesar dos grandes mitos serem contados e recontados com frequência, há sempre interesse em ouvi-los. Para os jovens é recreação, para os velhos um rememorar de tempos passados. Todos são atraídos pela narrativa oral que no mundo kamaiurá não tem dono, pertence a todos e em todos faz vibrar um sonho que talvez desejem preservar.